

SÍNTESE SOCIAL

ASPECTOS DA SOCIEDADE NORDESTINA

Para uma compreensão mais lúcida das realidades sócio-culturais do Nordeste, importa remontar aos fatores básicos de sua formação histórica, que ainda hoje se refletem em tantos aspectos da vida da região, rica de contrastes e peculiaridades. Porque, como bem assinala nesta "síntese social" o Professor MANUEL DIÉGUES JÚNIOR, não há um Nordeste, apenas; há Nordestezes que se caracterizam especificamente, mas que se completam. O atlântico e o mediterrâneo; o do agreste e o da caatinga; o de solo macio de massapê e o de solo áspero de pedras; o do litoral e o do sertão; o agrário e o pastoril; o da vida talássica, ligada ao mar, e o do deserto; o dos rios perenes e o dos leitos de rios enxutos e secos; o dos canaviais, dos algodoads, dos mandiocaís e o dos xique-xiques, das palmatórias, dos cactos, das umburanas. Cada um desses Nordestezes, áreas sociais ou culturais típicas, apresenta peculiaridades que os distinguem, que os marcam, que os situam dentro do todo geográfico ou cultural do grande Nordeste.

DUAS sociedades perfeitamente distintas assinalam as grandes áreas de cultura que o Nordeste apresenta: a do litoral e a dos sertões. É a sociedade do açúcar a primeira, aquela que se formou em derredor dos engenhos como centro demográfico, econômico, social e político; é a socie-

dade da pecuária, a segunda, e aquela que se originou dos currais e das fazendas de gado, expandindo-se pelo interior, aí fixando os homens nas tarefas do pastoreio. Mas, dentro desses sertões, onde domina a pecuária, outras peculiaridades se encontram, na diversificação das atividades humanas.

O senhor-de-engenho simboliza, entre os tipos humanos, o da primeira sociedade; o vaqueiro, o da segunda. Não são, porém, exclusivos; ao lado deles outros elementos se movimentam, se distribuem, circulam em atividades várias, não raro formando tipos não menos característicos, como é o pescador ou o tirador de côco, na faixa litorânea, ou ainda como o canoeiro ou o curtidor, no criatório mediterrâneo.

Estas duas grandes sociedades não excluem a presença de outras pequenas sociedades, constituídas por atividades específicas não raro encravadas, se não na dependência, da própria área de uma ou de outra. Daí a diversificação de atividades, de características sociais, de tipos sociais. O caso, por exemplo, dos homens ligados ao mar, vivendo da pesca ou do fabrico de rêdes ou instrumentos de pesca. Os praieiros ou pescadores são quase sempre arrolados no grupo da sociedade do açúcar, porque foi esta que teve, e tem, maior influência na área litorânea.

Todavia, e isto se evidencia ao estudar-se a sociedade nordestina, praieiros ou pescadores formam uma coletividade definida, com características peculiares, vivendo em particular intimidade com o mar. O praieiro vive do que êste lhe proporciona: do peixe que colhe nas rêdes, nas tainheiras, no anzol, se alimenta, e também obtém dinheiro, vendendo-o, para a aquisição de outras utilidades ou alimentos que lhe são necessários, inclusive habitação e vestuário.

Sua área é caracterizada, do ponto-de vista vegetal, pela existência do coqueiro, ao lado da vegetação

dos mangues, espécies adaptadas à vida palustre e salgada, das dunas, das restingas, com o cajueiro, a mangabeira, o guajiru; a importância do coqueiro para o homem da praia é enorme, do ponto-de vista não somente ecológico, como ainda da alimentação. O côco entra em grande quantidade na culinária da praia, e estende-se igualmente às cozinhas da zona açucareira. De palha do coqueiro, cobrem-se as habitações dos pescadores, os mucambos característicos da área litorânea, também conhecidos na área do açúcar.

Para o coqueiro deriva-se também a atividade do homem da praia, como tirador de côco ou descascador de côco. São profissões ligadas ao coqueiro, exercidas pelo homem da praia no intervalo de suas pescarias ou quando não se dedica à pesca. Daí o elemento característico desta área não ser exclusivamente o pescador, mas sim o homem da praia — o pescador, o tirador de côco, o descascador de côco, o canoeiro.

Ê nesta área da praia, em contacto com praieiros e pescadores, que se encontra com maior frequência a habilidade das mulheres na arte da renda, e modernamente na de labirintos e filés. Enquanto os maridos ou companheiros estão ao mar, em suasjangadas, nas pescarias, a mulher em casa está em suas almofadas, fazendo rendas; ou então se entrega, como sucede mais usualmente, com as filhas, as meninas ou mocinhas da praia, aos trabalhos de labrinto e de filé, hoje de maior procura e de mais alto preço.

O domínio imperial do açúcar no litoral determinou o latifúndio,

a monocultura e a escravidão. Nem a escravidão foi um resultado da monocultura, nem a monocultura decorreu do latifúndio, como geralmente se tem afirmado; foram todos três elementos sobre que se baseou a organização da sociedade agrária do Nordeste por exigências da cana-de-açúcar; por exigências do imperialismo absorvente dos canaviais.

O engenho de açúcar transformou-se no centro de vida, de atividade, de formação da sociedade agrária do Nordeste; era unidade econômica, que se prolongava em unidade social e política, fixando a população sob a influência do patriarcalismo do senhor de engenho; e não só do patriarcalismo, também do paternalismo nas relações entre senhores e escravos.

A casa grande simbolizou este complexo cultural que a área açucareira representa; traduziu o símbolo do sistema patriarcal de colonização do Brasil. Ela constituiu o ponto-de-referência para a compreensão das relações entre senhores e escravos, entre a propriedade e a organização política, entre o marido e a mulher, entre o pai e o filho, entre a casa e a rua. Do ponto-de-vista arquitetônico — já salientou GILBERTO FREYRE — não representa uma translação do tipo português de casa; antes uma adaptação às condições do ambiente, quer físico, quer social, ou seja, relacionada em particular com a atividade agrária e sedentária e seu patriarcalismo. Foi um tipo de construção condicionado à organização social e econômica então implantada.

A gordura da casa grande, com suas varandas, suas janelas, suas portas, contrasta com a magreza da senzala — o seu oposto na escala social, mas vizinha na complementação das atividades que o complexo econômico do açúcar exigia. Fsguia, magra, de uma porta única, sem janelas, a senzala completou a casa grande na obra social que esta realizou; e completou-a ainda na função demográfica de que resultou a mestiçagem na área açucareira, com a predominância dos mestiços de branco e negro, o mulato, a mulata, a morena, tão proclamadas estas em sua expressão de beleza pelos nossos regionalistas.

A monocultura que o açúcar impunha, num exclusivismo dominante, trouxe à região contínua carência de gêneros alimentícios, do que decorren uma situação endêmica de sub-alimentação. Dos sertões — do Ceará, do Piauí, do Rio Grande do Norte — vinha o gado que abastecia as populações litorâneas, e entre estas a da área do açúcar. Do sertão maranhense, de denominação tão expressiva — Pastos Bons —, vinham as cabeças de gado vender-se na Bahia, depois de penosa jornada de quase trezentas léguas por terra. Era de ver-se como chegavam estes animais para os centros de consumo.

O latifúndio expulsa o homem; arranca-o à terra que poderia cultivar, mas cujos donos a reservam para a expansão dos canaviais. Completa-se a monocultura com o latifúndio; o exclusivismo de cultura com o exclusivismo da propriedade, grande pelas exigências da cana-de-açúcar. Ainda hoje as

áreas açucareiras do Nordeste são zonas de repulsão do elemento humano; e o são justamente porque faltam aos homens elementos de fixação, que o prendam ao labor do solo.

O açúcar foi o grande dominador, o grão senhor todo poderoso, que marcou a formação de uma área cultural do Nordeste: aquela que, tendo por centro Pernambuco, ainda hoje se concentra principalmente aí, nas Alagoas, em Sergipe e no recôncavo baiano; a Paraíba, embora ainda presa a interesses da economia açucareira, já o é menos que aquelas outras zonas; e muito menos o Rio Grande do Norte, que se deixou dominar por outros exclusivismos, sobretudo o do sal.

A predominância econômica dos valores da pecuária caracterizou a formação, no mediterrâneo nordestino, da grande sociedade sertaneja. Não se pode dizer que haja um sertão, uno, íntegro, no mediterrâneo. Há sertões, porque uma diversificação de atividades econômicas formou áreas menores dentro da unidade do conjunto. Se, na realidade, os sertões têm suas características mais salientes na criação de gado, é de convir, entretanto, em que este próprio nordeste da pecuária tem particularidades locais, com o criatório do Vale do São Francisco, o do vale do Jaguaribe, o da zona semi-árida.

Além disso, dentro dos sertões mediterrâneos, vamos encontrar ainda pequenas sociedades, com características específicas, em face da atividade econômica desenvolvida. A dos carnaubais, a dos babaquais, a dos vales úmidos do

Ceará ou do Rio Grande do Norte, a dos contrafortes da serra da Borborema. Há aspectos particulares de cada uma, definindo-as dentro do grande conjunto mediterrâneo.

Todavia, a marca do criatório como que generalizou o conceito de sertão. É que se deveu aos vaqueiros e tangerinos o devastamento do território interior; com as alpargatas de couro, abriram os caminhos das boiadas e dos homens. Vaqueiros e tangerinos se transformaram em fazendeiros; tornaram-se proprietários e grão-senhores da área pastoril, donos de fazendas de criação.

Neste meio assinaladamente pastoril há um ambiente de deserto, sobretudo de deserto social. As condições existenciais determinaram a formação de uma sociedade de linhas diversas da que se formou na área do litoral, mesmo com as diversificações internas que nesta se encontram. A própria instabilidade do criatório teria sido uma das causas — e no caso a causa econômica mais decisiva — da formação da sociedade sertaneja com as características que nela hoje encontramos.

O sertanejo é a figura dominante do mediterrâneo nordestino; é o homem forte de EUCLIDES DA CUNHA, sem que para a exaltação de sua figura seja necessário transformar o litorâneo naqueles "messticos neurastênicos de raquitismo exaustivo", a que o mesmo escritor injustamente o reduziu. O sertanejo é o vaqueiro e o tangerino, é o comboieiro e o curtidor, é o cantador de desafios e o aguadeiro do São Francisco, é o extrator de babaçu e o baleeiro, e ainda o

tirador de carnaúba e o agregado dos latifúndios pastoris; é também o místico dos fanáticos, cheio de superstições e crenças, e o cangaceiro, figura característica dos desertos, em que se transformou o antigo capanga ou guarda-costas.

Na sociedade sertaneja, a imensidão dos desertos, o povoamento esparsos, os latifúndios extensos, criaram o predomínio do grande senhor, com peculiaridades que faltaram ao senhor-de-engenho, de outro tipo senhorial, aristocrático; o chefe de família, o chefe político, o chefe territorial agrupavam-se num só homem — o grande proprietário, dono das vastas terras onde o gado se multiplicava, ausente a massa escrava que não se acomodou ao criatório.

Se é certo que este patriarcalismo aliado ao exclusivismo — agora da pecuária — faz com que semelhanças se possam encontrar entre as duas áreas — a litorânea, com o açúcar, a sertaneja, com o gado — não é menos verdade, entretanto, que outras peculiaridades, de natureza cultural específica, vamos encontrar nessa segunda área nordestina.

Guiados pelo vaqueiro os rebanhos se tornaram responsáveis pelo desbravamento e pela caracterização econômica e social do mediterrâneo nordestino. Surgem novos resultados do processo transculturativo. A boiada, com seus elementos culturais, fixa a fisionomia dessa área, dando-lhe com a base econômica o contorno de sua feição social.

O gado caracterizou os hábitos de vestuário, de habitação, os utensílios de uso doméstico ou profissional; caracterizou, de igual

modo, a alimentação, baseada, esta, na carne e no leite, em condições, portanto, mais adequadas à subsistência humana. Não é sem razão que JOSUÉ DE CASTRO considera a alimentação sertaneja mais equilibrada que a litorânea. Observou-se aí, a princípio, a falta de farinha de mandioca, alimento fundamental da população, por acreditar-se imprópria a terra à cultura da mandioca. Escassejava também o milho; como o milho, outros gêneros de lavoura, principalmente por se reservar a terra para as pastagens do gado. O exclusivismo monocultor ainda uma vez prejudicando a população.

A princípio o curral, depois a fazenda de criação — e eis como se formou a propriedade na área sertaneja. O fazendeiro é o "coronel". O mesmo sentido patriarcal da área açucareira impera aí, embora apresentando outras modalidades. Uma delas o pequeno número de pessoas que viviam em cada fazenda. Como a criação não exige grande número de braços, a mão-de-obra é escassa, o povoamento é disperso, a densidade demográfica é rala. O escravo é raro, quase não aparece.

Criaram-se nas relações internas da fazenda de criação, entre o patrão e o vaqueiro, novas normas de serviço, tal como aquêle sistema de ser o vaqueiro pago com uma cria de cada grupo de quatro que nascem. Estabelece-se, nessas relações entre senhor e trabalhador, entre fazendeiro e vaqueiro, um sentimento menos aristocrático, originado sobretudo nas condições sociais geradas, de maneira geral, no sistema de vida que a lida do gado determina.

O "coronel" domina da casa de telha; dela, de suas varandas, exerce seus poderes de árbitro absoluto de todo o latifúndio. Na casa de palha habitam os agregados, os vaqueiros, os moradores. No próprio título, o contraste: telha e palha. Contraste de posição social, de patrão uma - a casa de telha -, de empregado outra - a casa de palha. A palha é a da região, das palmeiras em que o ambiente é rico.

No tipo de construção, como em outros aspectos de atividade da fazenda, verificou-se, em grande escala, o aproveitamento dos elementos que o meio oferecia. O caso, por exemplo, da canaúba, grandemente utilizada; serve para estaca na construção de currais; emprega-se na construção de ranchos e casas, dela aproveitando-se tudo, desde o tronco para vigas, esteios e paredes, até a palha para a cobertura do teto e divisões internas; fazem-se esteiras, chapéus de palha, cofo, velas, peneiras, cordas e vários outros artigos de uso indispensável. Além da canaúba, o tucum e o buriti são também aproveitados, daquele fazendo-se rêdes, e dêstes balças para a descida dos rios.

SAINT-HILAIRE, que com olhos tão agudos viu os aspectos sociais de diversas regiões brasileiras, fala da pobreza das casas sertanejas, pequenas e escuras; e salienta que mesmo quando a fazenda tem alguma importância a casa do proprietário não se distingue das dos seus negros. GARDNER, outro observador das nossas coisas, também registrou a pobreza das casas, pequenas, mal construídas. Um

deserto, aliás, foi o que GARDNER chamou ao sertão.

Ao contrário do que sucedia no engenho de açúcar, onde havia concentração, a fazenda de criação se caracterizava pela dispersão; os currais distanciados da casa de telha, próximos das casas de palha, pelos cuidados que o gado exigia dos vaqueiros. O latifúndio dominava, pela própria necessidade de pastagens, de campos, de terras, para o criatório.

Os vaqueiros são as principais figuras humanas dêsse ambiente social; todos quantos trabalham com o gado são assim denominados, de modo geral. Ao lado do vaqueiro, há o "alugado", que é o seu ajudante. Diferencia-se, geralmente, daquele por não receber pagamento em crias; tem um pequeno ordenado, a que se juntam comida e uma ou duas roupas anuais, fornecidas pelo patrão. É conhecido também com a denominação de "empregado". Aquele que aspira a ser vaqueiro, e por isso desempenha pequenas tarefas ligadas ao gado, conhece-se como "vaqueijador".

Há, porém, denominações específicas, ligadas em particular à atividade que cada um desempenha na distribuição de encargos e funções. O que doma o animal, amansando-o, é o "amansador", ao passo que se chama "amadrinhador" o que auxilia o domador, ou procura acostumar um animal com outros. Ao vaqueiro chefe, isto é, o que comanda a tropa, chama-se comumente "cabeça de campo". É também denominado "guia" ou ainda "candieiro", pois vai na frente, tangendo o gado. "Tangedor salta-moita" são os que auxiliam

os vaqueiros, viajando a pé ao lado das boiadas.

Na vida interna da fazenda distribuem-se os encargos. O "campeiro" é o que cuida do gado nos campos ou pastos, enquanto se denomina "marrueiro" o pastor de gado. O que marca o gado a ferro ou coloca ferraduras nas patas de animais é o "ferrador". O "olheiro" vigia uma fazenda ou apenas um cercado. E se sucede o animal adoecer, recorre-se ao "curador"; é o tratador das moléstias do gado, tendo orações e "meisinhas" para as bicheiras, as mordeduras de cobra, ou outra qualquer doença.

Chamam-se "passadores de gado" os vaqueiros encarregados de levar o gado à feira. São conhecidos também como "boiadeiros". Quando a travessia é grande, vários vaqueiros acompanham a boiada. Um deles, de boa voz, vai à frente, cantando o aboió; é o "aboiador". Há vaqueiros afamados como cantador de aboió, e guiado por sua voz o gado caminha. O aboió é um notável canto de trabalho, espalhado pelas regiões pastoris.

Outro traço característico da área do gado, ainda hoje conservado tradicionalmente: o da marcação do gado bovino. Os "animais", assim chamados o burro e o jumento, como também a "criação", isto é, os ovinos e caprinos, estes são marcados com um sinal da fazenda. Há, pois, a "marca" e o "sinal" de cada fazenda ou proprietário. A marca do gado é o símbolo da propriedade; cada fazendeiro tem a sua, geralmente de letras apostas ou combinadas, quase sempre as iniciais de seu

nome. Raramente aparece um desenho, salvo quando constitui um enfeite ou uma nuance de forma da letra. Há também marca de gado representando símbolos.

Além da marca da fazenda ou do proprietário, que é usada na coxa direita, era usual ainda marcar-se o gado com o "ferro" da freguesia ou ribeira, onde residia o proprietário, o que se fazia na coxa esquerda. A "ribeira", assim se chama a zona do Estado onde há criação; cada Estado pode ter tantas ribeiras quantas sejam as margens do rio, onde se criem gados, formando áreas de criação, quase sempre reunindo-se em cada uma certo número de Municípios.

O nome de "ribeira" se originou da distribuição das propriedades à margem dos rios ou seguindo a linha dos rios. O povoamento no sertão se fez pelas linhas fluviais. Quando distanciado das margens do rio, o terreno da fazenda passa a denominar-se "fundo de pastos". Aí o gado se cria à solta, bravo. É o gado "barbatão", animais não marcados ou assinalados. Quando o vaqueiro consegue domá-lo, o animal passa a pertencer à freguesia. Contrastando com o "barbatão" há o "cordeleiro", que é o boi manso.

No "fundo de pastos" cria-se igualmente gado já ferrado; é que a criação se faz à solta, não havendo cercas nem terrenos isolados para os animais. Gados de umas e outras fazendas confundiam-se no "fundo de pastos", e daí nasceu o hábito de se fazerem as apartações, ao fim de cada inverno. Assim originaram-se, lembra IRINEU JOFFILY, as vaqueija-

das, ainda hoje tradicionais no Nordeste pastoril, festas a que acorrem os fazendeiros a fim de recolher suas rezes. Também a elas comparecem comerciantes para a compra de gado. Aliás, essas vaquejadas, também chamadas "apartação" ou "vaqueirama", tomaram mais modernamente caráter mercantil, destinadas à compra e venda de gado. Substituem hoje em dia as feiras de gado, tão comuns no Nordeste antigo, e nas quais se realizavam os negócios ligados à pecuária.

A presença do boi enriqueceu o folclore regional, tão expressivamente como o cavalo figura no folclore gaúcho. "Bumba-meu-boi" é um folguedo que se espalha por toda a região, dançado ora como auto independente, autônomo, ora como parte final dos Reisados. Romances e xácaras célebres, ABCs, poesias mnemônicas, também os há ligados ao boi. É o "Rabicho da Geralda" — "boi de fama conhecido" como "nunca houve neste mundo" —, em que se contam episódios da seca de 1792; é igualmente o "Boi Espaço", que não temia cavalo, mesmo que se chamasse "Deixa-fama", nem vaqueiro, que derrubava na lama; é ainda a "Vaca do Buraí", destemida, rápida, que muitos vaqueiros de fama nos carascos deixou; e é também o "Boi Surubim", corredor afamado, derrubador de cavalos, vencendo léguas sem o suor pingar.

Outros temas ligados ao ciclo da pecuária se incluem no romanceiro regional, salientando o papel de boi, dando-lhe posição relevante na vida nordestina. Ne-

nhum, talvez, tão expressivo como o "Boi Espaço", conservado tradicionalmente na memória popular, pela bravata do animal que, mal nascido, foi ferrado com o sinal e logo à tarde lutou com quatro bois:

*Meu boi nasceu de manhã
A meio-dia se assinou,
Às quatro horas da tarde
Com quatro touros brigou.*

Se é certo que o domínio da pecuária caracteriza o mediterrâneo nordestino, não exclui este fato a presença ali de outras características culturais, de base sobretudo econômica, formando as pequenas áreas que, de certo modo, gravitam em torno da grande, ou a ela se ligam por diferentes causas. Desta maneira, completando a atividade pecuária surgem aquelas outras atividades indispensáveis ao seu próprio desenvolvimento.

Contrastando com o fausto aristocrático da área açucareira, a da pecuária se apresentou mais modesta. O que destaca a casa do proprietário é o fato de ser de telha, enquanto a dos trabalhadores é de palha. No mais, é modesta, simples, de móveis rústicos e quase pobres. A casa de telha e a casa de palha é que marcam as distâncias sociais, quando na sociedade açucareira são estas assinaladas pela casa grande do engenho, ou o *bungalow* da usina, e os muros dos trabalhadores.

Os contrastes entre as duas áreas continuam, fixando os contornos de sua caracterização, como ambientes culturais, definidos no significado de sua atividade eco-

nômica e traduzidos nas marcas sociais, que apresentam. Vão às condições de vestuário e aos tipos de alimentação.

Convergem essas diversidades, êsses contrastes, essas diferenças para um denominador comum, que é a base estrutural da sociedade do Nordeste; há um sentimento de unidade comum aos homens do litoral e aos homens do sertão, exprimindo a homogeneidade na diversidade, o equilíbrio na heterogeneidade de valores.

Açúcar e pecuária, litoral e sertão, completaram-se na caracterização do Nordeste. Deram os elementos culturais com os quais a paisagem regional se formou, transformando-se daquele ambiente natural, de condições fisiográficas peculiares, em ambiente cultural, de características marcantes. As duas áreas, dissociadas embora em aspectos fisiográficos e não raro em condições culturais, se interligam, se aproximam, integrando a região cultural do Nordeste.